OS BLOCOS AFRO-CULTURAIS DE BELMONTE-BAHIA: UMA CARTOGRAFIA AFRO-CULTURAL DISSIDENTE PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Dandara dos Santos Silva
Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5167-1216
Endereço eletrônico: dandarassilva@yahoo.com.br

Palavras-chave: Cultura Negra; Relações Étnico-Raciais; Afro-rizoma.

INTRODUÇÃO

A escrita deste trabalho acontece a partir do encontro com as Nagôs Africanas, bloco afro-carnavalesco da cidade de Belmonte-Bahia, localizada no sul do estado, entre os anos de 2017 e 2019, nos festejos da cidade. A partir da experiência com as Nagôs e dos outros Blocos Afro-carnavalescos de Belmonte, foi possível conhecer a cidade por outras cartografias vivenciadas que retratam a cidade por outros campos de vivência. Nesse sentido, este trabalho tem como proposta analisar como os Blocos Afro-carnavalescos de Belmonte, Bahia, produzem espaços saberes na intersecção espaço/bloco/cidade.

O desenvolvimento desta pesquisa assegura-se na hipótese de que os Blocos Afro-culturais de Belmonte têm muito o que ensinar aos processos de escolarização e as suas tentativas metodológicas de trabalhar com as relações étnico-raciais, quase sempre, a partir de modelitos prêt-à-porter produzidos por compreensões equivocadas sobre os modos de saber/fazer do povo negro. Defendo o argumento de que os Blocos Afro-culturais da cidade de Belmonte-Bahia se constituem como espaços educativos caracterizados por processos de ensino-aprendizagens que contribuem para o enfrentamento dos diferentes estereótipos raciais e, com isso, cumpre com os objetivos propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Trabalhar com a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" nos currículos escolares, tal como a legislação propõe, não significa ter que pensá-las enclausuradas nos espaços escolares ou em outros espaços formalmente destinados a ensinar pessoas. Ao contrário, defendo o argumento de que as instituições sociais, inventadas para moldar condutas aos moldes eurocentrados e condizentes com as exigências das sociedades capitalistas, não sejam os melhores espaços para aprender/ensinar os saberes étnico-raciais. Isso porque, conforme nos mostra os estudos da professora Eliana Póvoas Brito (2018; 2019), é preciso escapar das armadilhas das identidades fixadas pelas normativas institucionais e desestabilizar os caprichos das disciplinas e seus efeitos sobre os corpos negros, é que desenvolver pesquisa no campo das relações étnico-raciais partindo da análise de suas microrrelações e movimentações micropolíticas é que podemos compreender os movimentos de subversão dos dogmas, das normatizações e dos mecanismos de controle, presentes nos processos de escolarização e currículos escolares sobre as práticas culturais negras.

A transmissão dos saberes pela oralidade é marcante no processo de aprendizagem nos grupos, desde aprender a tocar os instrumentos até aprender as músicas, pois assim, "[…] há nos saberes e linguagem dos tambores o impedimento do esvaziamento da memória" (ROSA, 2015, p. 40), como pode ser percebido no relato de Caroline sobre o aprender:

> ***O toque do tambor também ensina?***
>
> ***Carol***: *Sim. Nos ensina muito a respeitar, primeiramente a respeitar, saber que ali tem… mesmo que, quando a gente saia não tem, que… Dona Dezinha, tem todo um processo, toda uma delicadeza de escolher os pontos para poder não… pra que o Orixá não venha, né? Que, para a gente ali, seria normal se ele viesse. Porém, para pessoas que estão vendo, poderia dizer que foi um… poderia dizer que foi um vexame. Então, toda essa delicadeza, toda delicadeza do toque, que a gente pode ver que o toque das "Nagôs", comparado com toque do Candomblé, mesmo que os nossos Orixás não venham, mas eles estão ali, presentes conosco. Então, a gente que tem o respeito e a alegria de poder cantar, brincar e se divertir. Com aquilo que a gente já leva a sério. É um pouco daquilo do respeito com a diversão*. (Entrevista em 10/11/2018)[1]

Tais práticas podem ser percebidas através das organizações ou agremiações de negros e negras nos festejos religiosos e carnavalescos que, a partir de suas organizações coletivas, produzem espaços de saber e poder, desempenhando um papel educador das culturas africanas

e afro-brasileiras de modo positivo, sendo esses, fundamentais no processo de construção das identidades negras brasileira e belmontense.

Da mesma forma que se anuncia a historicidade negra no som do tambor, que se escreve nos corpos, ao responderem ao seu som, seja pela dança, palmas ou pela cantoria (ROSA, 2015). O som do Ijexá produzido pelo conjunto de atabaques, pelo agogô e pelo canto no cortejo constitui o fluxo dos blocos afro-culturais que percorrem as ruas históricas de Belmonte. Os tambores, as chulas, as danças ganham significados, tornando-se símbolo acolhedor para os integrantes pertencentes aos grupos e aos que assistem aos seus desfiles nas festividades de Belmonte. As ações dos blocos acontecem como linhas de fuga atravessando temporalidades, estruturas de saber e poder.

Segundo Nilma Lino Gomes, (2012), as práticas de enunciações negras acontecem como um conjunto de ações de mobilização política, protestos antirracistas, movimentos de cunho artístico e religioso dentre suas diferentes temporalidades, desde que fundadas e promovidas pelos negros como forma de emancipação e enfrentamento ao racismo. O processo de percepção da cultura africana como parte dos elementos que constituem as identidades brasileiras é resultado de anos de luta do povo negro, forjados a partir de suas múltiplas linguagens políticas, sociais e culturais, é por esta razão que a autora ressalta que a ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença.

Para orientar a escrita deste trabalho farei uso da metodologia da cartografia a partir da concepção de “rizoma” de Deleuze e Guatarri. Pois, compreendo que a cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10)

O método cartográfico será utilizado no processo de compreender, ler e interpretar as cartografias produzidas pelos Blocos Afro-carnavalescos de Belmonte, possibilitando identificar os caminhos percorridos e os ainda por percorrer pelo grupo, bem como ler seus mapas. O método cartográfico apoia-se nas experiências vividas e de vida, no sentido de acompanhar os percursos e interpretar os processos de produção do rizoma. A cartografia é utilizada no exercício de analisar as microrrelações políticas, afetivas, religiosas, de saber e de

poder dos grupos, acontecidas a partir de suas trajetórias afro-baianas e belmontenses, assim como de suas práticas e linguagens culturais instrumentalizadas no espaço do bloco, que, em seu acontecimento, territorializam espaços de vivência e de vida, provocam desterritorializações, mudanças de natureza dos espaços onde estão inseridas, produzindo outras cartografias abertas que se conectam a outras afrocartografias (DELEUZE; GUATARRI, 1995).

Para o desenvolvimento metodológico será realizado entrevistas com os participantes e brincantes dos blocos, o desenvolvimento analítico das entrevistas estará alinhado também a História Oral, fundamentada a partir das propostas de Verena Alberti (ALBERTI, 2005) que à define como uma metodologia que possui a intenção na constituição de fontes na História do Tempo Presente. Com isso, para o desenvolvimento desta metodologia as entrevistas serão realizadas a partir um roteiro estruturado, as narrativas serão registradas por gravadores de áudio e vídeo, as/os participantes serão requisitados de duas a três vezes para cederem à entrevista, que ocorrerão na cidade de domicílio das/dos participantes. O resultado das entrevistas realizadas a partir da perspectiva da História Oral é compreendido como toda e qualquer fonte de natureza documental e de uma construção que envolve a ação interação entre pesquisador ou entrevistador e do entrevistado que é naquele momento a fonte. É a partir das entrevistas, que a oralidade atravessa a pesquisa em suas múltiplas dimensões.

Partimos da possibilidade de podermos pensar os blocos como agenciadores de espaços sonoros, visuais, afetivos e corporais de aprendizagens que permitem desvendar a cidade de Belmonte como espaços de produção de saberes históricos, caracterizados por processos de ensino-aprendizagens em constante desconstrução dos lugares comum dado as práticas culturais e população afro-brasileira, alinhando-se com a Lei 10.639/03 tendo por efeito, a colaboração na equidade em vista de uma sociedade antirracista.

A pesquisa busca evidenciar como os blocos produzem espaços e práticas de ensino/aprendizagem, bem como subvertem os espaços institucionalizadas das escolas e seus ritos de passagem. Movidas pelo desejo de liberdade presente nas brincadeiras, o desejo de serem ouvidas e produzirem narrativas, criam os campos abertos que buscam correlações com outros tantos espaços, dentre eles, os espaços escolares. Por fim, esta pesquisa deseja ser uma contribuição às pesquisas do campo das Relações Étnico-Raciais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 3 ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais, para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Ministério da Educação** (MEC), Conselho Nacional de Educação, Brasília, 2004.

BRITO, E. P. P. O currículo do ensino médio baiano: entre a formação integral e a valorização das diferenças. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 1003-1024, set./dez. 2018.

BRITO, E. P. P**. Entre a aceitação e a fuga: a juventude negra em trânsito nos currículos escolares. Revista Exitus**, Santarém/PA,v. 9, n. 4, p. 37-65, out./dez. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1, p. 17-49.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. São Paulo Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In:.Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos)

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROSA, Eloisa Marques. **A Suica em natividade**: **festa, batuque e ancestralidade**. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.